MATT KILLEEN

ÓRFÃ, MONSTRA, ESPIÃ

Tradução
Fal Azevedo

Outro Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

UM

28 de agosto de 1939

Finalmente, o carro parou. Com dificuldade, Sarah abriu os olhos, piscou para clarear a vista e, erguendo a cabeça, olhou para cima desde seu esconderijo no piso do carro. Sua mãe estava tombada no banco do motorista, com a cabeça apoiada sobre o volante. Era como se ela estivesse olhando na direção de Sarah. Os olhos da mãe eram *quase* os mesmos, grandes e bonitos. As pupilas estavam tão dilatadas que Sarah podia praticamente se ver refletida nelas. Mas, agora, elas estavam vazias. Sua mãe não estava mais lá.

Sarah esticou o braço na direção da mãe, mas alguma coisa quente pingou em sua mão, e ela a recolheu. Um vermelho vivo cobria a palma, contrastando com seus dedos brancos.

Lauf, dumme Schlampe![1]

Sarah podia ouvir a voz em sua cabeça, mas os lábios da mãe não estavam mais se mexendo. Seu nariz estava entupido, e seus olhos doíam. A dor era uma neblina que encobria seus pensamentos. De novo, ela ouviu: *Lauf! Corra!* Olhou para o rosto da mãe mais uma vez, a tempo de ver a testa escorregar do topo do volante. Os olhos, ainda arregalados, agora estavam voltados para o chão. *Lauf. Apenas corra.* Sarah pensou que a voz era sua.

A maçaneta girou, mas a porta não se abriu. Ela tentou de novo. Cedeu um pouco, mas só quando Sarah forçou todo seu peso contra a porta, como se empurrasse morro acima. O sangue tornava sua mão escorregadia, então ela a esfregou contra o casaco e tentou de novo. Apoiando o ombro contra o painel da porta, conseguiu escancará-la, permitindo que a luz fria do crepúsculo invadisse o interior do carro. Engatinhou para fora. A Mercedes tinha parado dentro de uma vala ao lado da estrada e ficou com a parte da frente enterrada na cerca de um depósito.

1. "Corra, cadela estúpida!", em alemão. (N.T.)

Outro Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Sarah olhou dentro do carro e viu o que a bala tinha feito na parte de trás da cabeça da sua mãe. Lutou contra uma onda de náusea enquanto a porta se fechava, mas não sentiu nada além disso. Ainda não.

Ela podia sentir seu coração batendo alto e rápido e o ar cortando seu nariz. Seu pescoço parecia quente. Atrás dela, os soldados do posto de controle estavam dobrando a esquina distante, onde ela e sua mãe haviam virado momentos atrás, logo antes do tiro. Havia vozes, gritos, som de passos contra o asfalto. Cães começaram a latir. Estavam se aproximando. Para onde agora? O que fazer agora?

Lauf.

Sarah subiu no capô quente e se arrastou por ele até o buraco que o carro fizera na cerca. Os estilhaços de vidro quebrado rasgavam suas mãos e seus joelhos. Ela se enfiou entre os arbustos e, então, abriu caminho engatinhando sobre lascas de madeira, espinhos e vidro quebrado.

Não olhe para trás. Continue. Ignore a dor nas mãos e nos joelhos. Lauf.

Ela deixou a voz correr solta em sua cabeça enquanto avançava através da cerca. Era sua voz? A de sua mãe? Não importava.

Agora de pé. Isso mesmo. Lauf, Lauf, corra, corra.

Ela acelerou por uma passagem entre dois prédios velhos, pisoteando a lama que transbordava das sarjetas. Olhando para cima, ela podia ver as calhas enferrujadas pendendo dos cantos do telhado, a camada de folhas que bloqueava os dutos. Estavam a cerca de dois metros de altura. Alto demais. Muito perigoso. Mas essa passagem claustrofóbica parecia não ter fim, e ela podia ouvir os cães se aproximando.

Suba ali, dumme Schlampe.

Não me chame assim.

Bom, você está parecendo uma. Que tipo de ginasta você é?

Uma ginasta judia. Sem permissão para competir.

Você será uma ginasta judia morta se não se mexer. Você é corajosa? Piedosa? Alegre? Livre?

Sarah riu do antigo ditado. O que Jahn, o pai da ginástica, pensaria de uma judia – *Deutschlands Unglück*, a desgraça da Alemanha – usando suas palavras como inspiração? Então, tomou impulso, ignorando a rigidez das panturrilhas, a dor no pescoço e a chance de escorregar, repetindo, "*Frisch, fromm, fröhlich, frei*, corajosa, piedosa, alegre, livre", sem nunca

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

tirar os olhos da calha. Lançou-se no ar, apanhou cada lado da calha com precisão e balançou-se, movendo sem parar o corpo para cima e para a direita, o metal rangendo e chiando enquanto ela continuava. Desabou sobre o teto de metal com uma estrondo, escorregou por um segundo e parou bem na beirada do telhado.

Supere isso, Trudi Meyer. Vou ficar com a sua medalha de ouro agora, *danke*.

Permaneceu imóvel, olhando para o vasto céu prateado que escurecia, a impressão de triunfo diminuindo devagar como a luz vinda do Oeste, deixando uma sensação de frio no estômago. Se não conseguisse acalmar a respiração, eles poderiam ouvi-la. Pensou na última olhada que deu para a Mercedes, depois afastou a lembrança. Colocou-a em uma caixa especial e fechou a tampa. Ergueu os olhos para a vastidão do céu e escutou.

Acima de sua respiração pesada, conseguia ouvir os cães. Os gritos se aproximavam. Em seguida, vieram os passos abafados – um soldado caminhando entre os prédios. O barulho era muito difuso para calcular a que distância ele estava, e a respiração dela soava muito alta, alta demais. Contou dois segundos, respirou profundamente e fechou a boca. Percebeu que já conseguia ver uma estrela no lugar em que o céu estava mais escuro. Também descobriu que não conseguia respirar pelo nariz, então tudo o que podia fazer era manter os lábios grudados.

Passos, logo abaixo dela.

Uma estrela. Ou um planeta. Era Vênus? Os passos pararam. Planeta. *Estrela.*

Ouviu o movimento, o som de alguma coisa arranhando contra os tijolos. A calha rangeu. Seu peito começou a latejar, conforme a pressão aumentava. Havia respiração alta e o som de botas contra a parede. Mais pressão, mais dor, o impulso de se levantar e sair correndo. Virou a cabeça muito devagar para ver os dedos grossos e sujos agarrando-se à beirada da calha. Por dentro, Sarah começou a gritar. Ela queria abrir a boca e liberar seu grito. Queria tanto, tanto.

Naquele momento, houve um estalo, um rasgo e um guincho. A calha, os dedos sujos e a respiração pesada desapareceram em uma queda em cascata. Houve xingamentos. Gritos. Assobios. Risos. Passos retrocedendo. Barulhos abafados. Latidos distantes.

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Sarah abriu a boca e deixou o ar explodir para fora de seus pulmões. Engoliu o ar frio. Seus ombros se ergueram, caíram e se elevaram de novo, porque não conseguia pará-los. Começou a soluçar baixinho.

Ela era boa no esconde-esconde. Em dias mais felizes, quando ainda podia brincar com outras crianças, era sempre a última a ser encontrada, muito depois de os outros ficarem entediados e desistirem.

Ficou ali observando as estrelas emergirem e brilharem, escutando os sons das docas. Ainda podia ouvir os cães, os soldados e os gritos, longe, mas sempre presentes, como as outras crianças correndo ao redor da casa chamando por ela.

Então, vai ficar deitada aí?, perguntou a voz, ameaçadora.

Estou esperando escurecer.

Não, você não sabe o que fazer, vangloriou-se a voz.

Sarah virou a cabeça. Ela podia ver um guindaste e a chaminé de um navio. Ao fundo, o grande lago, o Bodensee, desaparecia na noite que se aproximava. Na outra direção, os telhados de Friedrichshafen se espalhavam abaixo dela, e Sarah não podia ser vista dos pináculos distantes da igreja. Para além de seus pés, um velho armazém decadente a observava com olhos desamparados, escuro e desocupado. Esse era um bom lugar para se esconder por agora.

E então o quê? Uma judia sem documentos nem dinheiro, perdida em um porto alemão.

Sarah ignorou a si mesma. Ou sua mãe, quem quer que fosse. Não havia futuro, apenas o presente. Sua mãe tinha dirigido até ali, então devia ter um plano para cruzar o Bodensee por balsa ou algum barco particular, até a segurança na Suíça, longe das surras, da fome e do abuso. Mas tudo aquilo estava perdido. Quer dizer, se ela tivesse mesmo um plano. Fazia anos que a mãe não alcançava aquele nível de organização. Não era surpresa que a coisa toda tivesse acabado em desastre, na morte dela...

Sarah afastou o pensamento para a sua caixa. Tudo era muito recente, como a dor no seu nariz.

A caixa especial no fundo de Sarah começou minúscula, como algo em que sua mãe guardaria as joias caras. Mal tivera tempo para se sentir

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

apavorada ou zangada nos últimos seis anos, desde que os nacional-socialistas tinham chegado ao poder, então Sarah tinha, com cuidado, trancado ali dentro cada injustiça e humilhação que sofrera. Dessa maneira, estava livre do pavor e da raiva. Mas agora a caixa era como um baú de carga, o verniz estufado e enrugado, a madeira ficando verde e o latão manchado. O que estava contido ali agora vazava sob a tampa e escorria pelas bordas. Pior ainda, ela começou a se imaginar *tornando-se* a caixa, com tudo dentro, tudo o que havia escondido, livre para se espalhar dentro dela, pronto para tomar forma e comê-la viva.

Seu coração disparou outra vez. Sarah se acalmou, imaginando que estava brincando de esconde-esconde de verdade. Estava dentro de um armário embaixo da escadaria, coberta por um casaco pendurado, mas com a porta aberta convidando outras crianças para dar apenas uma olhada rápida e superficial lá dentro. Invisível, esperando, invulnerável. A exaustão percebeu a chance e a envolveu em seus braços. Ao crepúsculo, sobre os sulcos de metal cobertos de musgo, Sarah cochilou.

OUTRO Planeta

Ela está caminhando ao lado do pai. Ele era alto, mas agora parece imenso. Ela deve ser muito pequena. Seu olhar sobe por seu braço, envolto pela manga vermelha, até onde a mão enorme do pai cobre a sua. O chão é macio sob seus pés, e o sol brilhante, intenso demais para olhar, banha tudo com sua luminosidade dourada.

— Consegue ver, Sarahchen?

— Ver o que, papai?

Ele ri e se inclina para tomá-la em seus braços. Ela está bem no alto, mas sente-se segura, presa ali por membros fortes como troncos de árvores.

— Consegue ver agora?

Sarah esfrega os olhos e espia o céu brilhante. A luz a incomoda, e ela tem de fazer sombra com a mão. Um zumbido baixo começa a se espalhar.

— O que é?

Outra risada.

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

— Espere para ver.

O barulho cresce, um zumbido se sobrepondo a outro como uma colmeia de abelhas, o som de um milhão de insetos se agitando.

— Papai, estou com medo.

— Não fique.

Os zumbidos se tornam uma pulsação e começam a bater em seu peito. Sarah agarra a jaqueta preta do pai por medo ou entusiasmo, sem conseguir decidir qual. Então ela vê.

Enorme, prateado, brilhando com a luz do sol e tomando o céu, maior que a maior coisa que já vira. Sob sua sombra, meninos correm, apontam, agitam os braços. Sarah estica o pescoço para trás para ver esse charuto gigante ondulado bloquear o sol, rugindo lá no céu.

Ela começa a rir e, então, gargalhar. Olha nos olhos do pai, que olha nos dela. Começa a rir também. Todos estão rindo...

Sarah abriu os olhos. Com um choque, lembrou-se de onde estava e entendeu o que estava acontecendo. A lua estava alta, e tudo parecia iluminado por uma geada de luz prateada. O telhado de metal estremecia, e o nariz do zepelim apontava acima dela. Não havia onde se esconder. Ficou deitada ali e deixou a enorme aeronave passar, uma garota judia em um telhado, um contorno brilhante a apenas alguns metros de olhares intrometidos.

Não estão procurando por você, estão fazendo outra coisa, vão ver você aí, e isso não significará nada, porque não estão procurando por você. *Você é apenas mais uma na multidão.*

Sarah estava perto o suficiente para ver as janelas no tecido do zepelim e a luz fraca em seu interior. Podia ver os reparos malfeitos, o nome escondido embaixo do verniz recém-repintado e os raios de luz amarela estendendo-se pela curva do balão nas janelas da cabine de comando. Agarrou-se à sua cama vibratória, *sou apenas mais uma*, repetia para si mesma, enquanto a gôndola passava.

Janelas cobriam toda a frente do *deck* de observação, e a luz elétrica quase a cegava. Lá dentro, dois vultos vigiavam, parados. Era impossível crer que eles não podiam vê-la, mas mesmo assim, quando passaram, continuaram estáticos. O volume do zumbido aumentou até que os

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

propulsores, presos por hastes grossas, passassem, suas hélices um borrão. O corpo começou a se afinar, faltando passarem apenas as imensas aletas de cauda. Elas tinham sido pintadas de preto, mas as suásticas em seus círculos brancos ainda estavam visíveis, um lobo sob mantos de lã malfeitos, incapaz de enganar alguém.

Por fim, a aeronave passou. Sara soltou o ar de seus pulmões. Foi como se as outras crianças tivessem aberto a porta do armário sem ver alguma coisa digna de nota. Ela se sentou, os músculos das pernas e das costas reclamando. O enxame de abelhas recuou enquanto o zepelim se afastava e o telhado parava de vibrar. Enquanto o zepelim passava acima do armazém deserto, Sarah percebeu a presença de um vulto no telhado plano do prédio, visível sob a luz da lua. Havia alguém ali que observava o zepelim passar com um binóculo, como se visse um pássaro raro.

Ela observou enquanto ele seguia a estrutura curva do zepelim até chegar à traseira. Estava todo vestido de preto, a silhueta contra a escuridão brilhante do céu, pouco visível, mas definitivamente lá. Perdida em sua curiosidade, Sarah não se mexeu nem mesmo quando ele afastou o binóculo e observou o espaço vazio, além da cauda da aeronave. Por que ele estava ali? O campo de pouso devia ficar a três quilômetros.

Ele baixou os olhos e puxou o binóculo de volta para o rosto. Alguma coisa pesou no fundo do estômago dela, e Sarah prendeu a respiração.

Sarah não era invisível, e ele estava olhando direto para ela.

O homem deixou o binóculo cair devagar e, depois de um segundo, acenou.

Vá, apenas vá, resmungou para si como se voltasse à vida, rolando até a beirada do telhado e tomando impulso. Estava escuro ali fora do alcance da luz da lua, apenas uma luz prateada vinda de duas pequenas janelas de cada lado do beco. De um lado, um depósito enorme e o homem com o binóculo. À esquerda, o lado pelo qual viera: a cerca, a vala, o carro. Então rumou para a direita, obrigando suas pernas rígidas a seguirem em frente, os dedos tracejando contra os tijolos de cada lado para manter o equilíbrio. Ainda que sentisse uma névoa de dor incômoda em seu rosto, estava consciente de uma dor crescente que esfaqueava as profundezas de sua cabeça. Estava desesperadamente sedenta. Correu a língua pelos lábios. Estavam rachados e ressecados. A língua fez um barulho como a

outro planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

de um gato, áspera e seca. Fazia mais de um dia que tinha bebido alguma coisa. Sua mãe não quis parar no caminho para Viena, mas não tinha preparado nada para que comessem ou bebessem. Foram aterradores seiscentos e trinta quilômetros sob os olhos de toda a pátria, atravessando o local de nascimento do próprio nacional-socialismo. Parecia inconcebível que tivessem chegado tão longe.

A orla à sua esquerda estava mal iluminada, mas parecia estreita, não ampla e indistinta como imaginava. Continuou seguindo pelo labirinto de prédios à sua frente.

Apenas continue.

Para onde?

Sempre com o porquê e o onde. Concentre-se. É como uma pronúncia, uma rotina de ginástica, uma peça para piano. Concentre-se na tarefa em mãos.

Estou cansada. Não sei o que fazer.

Então, agora, vai começar a chorar como um bebezinho?

Não.

Não vai mesmo. Eu a criei sozinha para que você simplesmente desistisse?

Sarah engoliu um soluço. Havia sido a voz da mãe o tempo todo? *Oh, Mutti*,[2] murmurou para si mesma, *oh, Mutti.*

Pare.

Eu não posso. O que eu vi no carro... foi demais...

Não, PARE.

Ela congelou. Acima do zumbido distante e do barulho, podia ouvir água corrente.

Seguiu o som até uma velha porta descascada. Estava entreaberta, revelando um interior escuro. Sarah precisou usar o ombro e, enquanto terminava de abrir a porta, foi atingida pelo cheiro de amônia e esgoto. Deu um passo incerto para dentro, mas a escuridão era absoluta. Fechando os olhos para acostumar-se ao escuro e usando uma parede pegajosa como guia, arrastou os pés para dentro do cômodo em direção ao som da água. Abriu os olhos, mas não conseguia distinguir nenhum detalhe. O cômodo não podia ser tão grande, mas parecia com uma caverna ou a

2. "Mamãe", em alemão. (N.T.)

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

boca gigante de uma fera malcheirosa. *A escuridão é sua amiga*, disse a si mesma. *Grandes braços para escondê-la. Aprecie a escuridão.*

Seus dedos roçaram em alguma coisa que se moveu. Queria recolher a mão, mas resistiu e alcançou a coisa outra vez. Tocou-a, e ela desapareceu mais uma vez. Esperou e repetiu o gesto. Era uma corrente fina, com um nó em uma ponta, a outra desaparecendo acima dela. Agarrou o nó e puxou.

Houve um clique e então se acendeu uma luz tão forte que Sarah perdeu o equilíbrio. Estava em um banheiro minúsculo com uma privada quebrada em um canto, atrás de uma partição de madeira apodrecida. Uma longa gamela corria pelo comprimento da parede no nível do chão. Tudo estava imundo, mas, próxima a Sarah, uma torneira enferrujada derramava água marrom em uma pia baixa e comprida.

Ela agarrou a beirada da pia e posicionou a boca abaixo da torneira, abrindo ao máximo. O líquido era morno e tinha gosto enferrujado, mas era molhado e não parava de fluir. Sarah tomava e engolia, tomava e engolia, ignorando a sensação de asfixia quando a água entrava em seu nariz. Após um minuto, parou e esticou as costas, deixando a água escorrer pelo queixo, sentindo a vida voltar ao seu corpo.

— Ah, veja, é a menina do telhado.

A voz de um homem. Sarah congelou. *Dumme Schlampe! Você deixou a porta aberta.* O homem estava entre ela e a porta. Não havia para onde ir, nem o que fazer. Aquela impotência tirou o peso de seus ombros. Sentiu-se estranhamente calma e leve. Tão leve que se sentiu emergir acima do mar de pânico. Grunhiu uma resposta afirmativa e inclinou-se para beber outra vez, tentando não imaginar as próximas horas.

OUTRO Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

DOIS

— O que você está fazendo aqui? — perguntou o homem.

— Bebendo água — respondeu Sarah entre um gole e outro.

— O que você estava fazendo no telhado? — A voz dele calma e baixa, quase sem emoção.

Não se engane. Isso quer dizer só que você não consegue ler o que ele está sentindo.

— Estava procurando alguém. — Ela se aprumou e limpou o queixo, que parecia estar coberto por uma crosta de sujeira marrom. Evitou conscientemente encará-lo, ganhando tempo para pensar em algo sem deixar que seus olhos a entregassem.

— No telhado?

Cilada.

— Sim. — Sarah estava apenas atrasando o inevitável. O que quer que dissesse não faria diferença, e isso a fazia se sentir livre. Ousada. — Por que você estava observando o dirigível?

— Eu é que estou fazendo as perguntas. — Um pequeno traço de tensão. Nenhuma raiva.

— Sim, é você. — Ela inclinou a cabeça para o lado e esperou. O homem estava vestido de preto, tinha um gorro de lã na cabeça e uma mochila escura. Sua cara parecia estar suja. Não era o que ela estava esperando. Ele só a encarava, como se estivesse tentando pensar em alguma coisa. Sarah imaginou se conseguiria escapar dali apenas na conversa. — Bem, eu não quero tomar mais do seu tempo, então...

O homem empurrou a porta, fechando-a atrás de si. Sarah deu um passo para trás. Ele se encostou na porta e cruzou os braços.

— E aonde mesmo você pensa que vai? — A voz mais fria. Quase gelada. Sarah queria tremer.

— Para casa, agora. Eu não consegui encontrar... meu pai. Ele trabalha nas docas.

OUTRO Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

— Por que você está procurando por ele? — Isso agora com certeza era um interrogatório.

— O jantar ficou pronto.

— Às quatro da manhã?

— Ele está trabalhando de noite.

— No telhado?

— Eu estava procurando em todos os lugares.

— E o que aconteceu com seu rosto?

Sarah levou a mão ao rosto e tocou o nariz. Doeu como se tivesse levado uma bofetada. Alguma coisa quebradiça desgrudou da pele com seu toque, e ela baixou a cabeça para ver o que era. Foi então que notou que a frente de seu vestido marrom-claro estava toda manchada de um marrom-avermelhado. Seus dedos tinham desprendido sangue coagulado.

— Eu... bati em alguma coisa no escuro — tentou dizer, mas as palavras se perderam quando ela engasgou, tossiu e, finalmente, deu uma fungadela, estremecendo de dor. O homem riu. Um riso sem alegria, cheio de desprezo. Sarah encontrou, lá no fundo, um resto de raiva e coragem. Ela o encarou, uma menina à beira da transformação, coberta de sangue seco, ferrugem, mofo e folhas apodrecidas. *Seja a duquesa*, disse sua voz interior, a voz de sua mãe. *Você está no palco; eles não. Eles estão aguardando suas ordens. Estão prontos para serem convencidos. Convença.*

— Sim, eu me perdi e dei de cara com um pedaço de calha quebrada. Posso mostrar para você? — Os olhos dele eram de um azul aguado, com as bordas escuras. *Não pisque*, ela disse a si mesma.

— Qual o seu nome, menina? — perguntou ele, com sua voz mais suave. Os vincos em torno de seus olhos pareceram sorrir. Havia algo estranho em seu sotaque. Ela era da Bavária, pensou ela, mas algumas palavras soavam diferente...

— Sarah, Sarah Gold... — *Pense*. — G... Elsengrund.

Dumme Schlampe. Sarah se desequilibrou e bateu na pia. O homem riu novamente, desta vez não tão forçado.

— Ah, ah, ah, você estava indo tão bem. Você vai ter de fazer melhor que isso, Sarah Goldberg, Goldstein, Goldschmitt, quem quer que você seja.

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Sarah começou a lavar o rosto, tentando esconder as lágrimas que corriam dos cantos de seus olhos. O homem se aproximou e, então, sentou na beirada da pia. Ele falou de um modo rápido.

— Lave o seu vestido, até ficar limpo, mesmo que fique molhado... e limpe seu casaco. Você é de Elsengrund, não é? Não é? — Sarah assentiu. — Serve, mantenha isso... e use Ursula ou coisa assim. Sarah – não se pode ficar mais judeu do que isso. Você tem para onde ir?

Sarah balançou a cabeça em negativa. Tinha sido descoberta, mas agora não sabia direito o que estava acontecendo.

— Sem documento? Isso é bom. Se eles estivessem carimbados, seriam inúteis na Suíça, de qualquer maneira. A balsa é sua melhor chance. Comporte-se como uma garotinha, como se você devesse estar lá. Espere o amanhecer, mas não aqui. Aquele telhado mesmo serve. — O homem fez uma pausa. — Mais uma coisa... — Ele segurou o rosto de Sarah e pegou o nariz dela. Sarah conseguiu segurar os pulsos dele, mas, antes que pudesse fazer qualquer coisa, ele puxou. Sem querer, Sarah berrou. A dor a cegava. Então, ouviu-se um estalo alto e passou. Ela cambaleou para trás, assustada demais para tocar seu rosto.

— Não toque, ele está no lugar agora... com certeza, assim chama menos a atenção. — Ele limpou as mãos nas calças — Você não sabia que estava quebrado? — As mãos de Sarah tremiam. Ela inspirou pelo nariz: estava sensível, mas limpo. A voz dentro de sua cabeça estava em silêncio. Ela ergueu os olhos do chão e viu o homem parado na porta aberta.

— E não confie em *ninguém*. Boa sorte, Sarah de Elsengrund. — E, em um instante, ele tinha desaparecido.

Sarah olhou para suas mãos. Demorou um minuto inteiro para que parassem de tremer.

O amanhecer foi frio e cinzento. Após uma noite clara, nuvens sujas tinham flutuado desde o lago, transformando o nascer do sol em uma fotografia esmaecida. Sarah aguardou nas sombras, seu vestido encharcado agarrado às suas pernas, como uma cortina bolorenta. Ele se esfregava contra os cortes nos joelhos e nas coxas, até que o incômodo ocupasse todo seu pensamento. Sarah deixou a irritação tomar conta de si, pois

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

isso mantinha calada a voz dentro de sua cabeça. Naquele momento, era a última coisa de que ela precisava.

Lavar o sangue tinha deixado uma mancha horrível em seu vestido, que ela escondeu abotoando o casaco escuro até em cima. Em volta do pescoço, havia um pedaço de um saco escuro, que poderia se passar por um cachecol. Ele cheirava a leite azedo, mas estava seco. Era sua única peça de roupa seca. Tinha arrumado um pouco o cabelo, prendendo-o com seu último grampo e amarrado o resto para trás com um pedaço de arame. Sua aparência seria boa a distância. Mas, como um espantalho, se olhada de perto, ela não enganaria ninguém.

Sarah não tinha se permitido dormir. Toda vez que fechava os olhos, via sangue e cães a perseguindo. Acordada, conseguia controlá-los, mas, quando cochilava, eles a alcançavam e pulavam sobre ela. Acordava mal conseguindo respirar, entre soluços. Desperta, ela mantinha o pensamento no aqui e no agora.

A buzina da balsa ecoou. Era sua deixa. Sarah saiu para a luz e, ignorando a dor torturante nas pernas, saiu mancando pela estrada em direção ao porto. Podia ter quinze anos, mas era capaz de fingir ter onze ou até menos quando queria. Sempre tinha sido pequena para a sua idade, uma característica que anos de pobreza tinham acentuado, e esse era um papel no qual tinha atuado antes – manter-se pequena, discreta, infantil. As pessoas da cidade estavam começando a sair para trabalhar pelas ruas de paralelepípedos, caminhando com os olhos baixos ou emitindo o chocalho metálico das bicicletas quando passavam. Cansados, infelizes e *desinteressados*. Sarah manteve o ritmo de seus passos, resistindo à vontade urgente de sair correndo. Em vez disso, começou a cantarolar algo que tinha ouvido a *Bund Deutscher Mädel*, a Liga das Meninas Alemãs, entoando, quando marchavam perto de sua casa. Ela deixou o ritmo tomar seus pensamentos, tirando forças da sua vivacidade e emocionada por tornar sua aquela canção.

"*Uns're Fahne* aquilo aquilo, pula, pula, *uns're Fahne* alguma coisa *Zeit*!..." Ela tentava lembrar a letra. A bandeira *alguma coisa*. Ela estava quase na entrada para a balsa. "*Und die Fahne führt uns* alguma coisa alguma coisa..." Como era a próxima parte? *Sim, sim... nossa bandeira... bandeira?*

— Nossa bandeira é mais importante para nós do que a *morte*! — gritou o soldado, aparecendo de repente na frente de Sarah.

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Ela gritou quando se chocou contra o peito dele e cambaleou para trás, o cheiro de suor e couro invadindo seu nariz. A figura imponente cobria todo seu campo de visão, um monstro cinza com suspensórios marrons.

— Quer dizer, o que diabos a sua líder da juventude está ensinando para vocês? — O soldado balançou a cabeça, mãos na cintura e rifle pendurado no ombro. Ele era jovem, talvez tivesse vinte anos, suas sobrancelhas erguidas em uma desaprovação teatral. Sarah se forçou a sorrir, empurrando os cantos da boca para cima até as bochechas doerem.

— ... mais importante para nós que a *morte*... que a *morte*! — gritou ela de volta e deu uma risadinha quase histérica. — Ah, ela é ótima, mesmo. Desculpe! — ela gritou por cima do ombro, acenando apressada. Ela viu o soldado sorrir, balançando a cabeça, e continuar seu caminho. — Morte... morte... — murmurou ela, tentando desacelerar as batidas descontroladas de seu coração. Esperou que mãos fortes a agarrassem pelos ombros, mas nada aconteceu.

Eles não estão procurando você, disse a voz.

Então, por que estão aqui?

Continue cantando. Continue sorrindo. A voz mudou de assunto. *Você continua atuando até chegar à coxia, a caminho do camarim. E você não para até a cortina final descer*.

A balsa flutuava em direção à doca, além dela o horizonte estava enevoado. Erguendo os olhos, Sarah podia ver as formas pontiagudas das montanhas do outro lado do lago, montanhas que significavam... liberdade? Segurança? Ela não tinha nem a mais vaga noção do que faria, ainda que conseguisse embarcar na balsa para a Suíça.

Preste atenção no espetáculo. Todo o resto – a festa, a fama – são para depois, não pare agora. *O espetáculo é o momento em que você ganha o direito a elas*.

À direita, uma fila de passageiros estava se formando. À esquerda, um cavalo e uma carroça estavam estacionados, esperando a chegada do barco. E, por todo lado, havia soldados e policiais checando, olhando, falando, montando guarda, observando.

Sarah diminuiu o passo. Teria de sincronizar seus movimentos com precisão. A balsa parou, cordas foram lançadas para as docas, alguns passageiros pularam da rampa. Espere. A fila começou a se mover, a carroça e o cavalo trotaram adiante. Caos momentâneo...

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Chorar, meu amor, é uma arte. É tudo sobre controle. Descontrolar-se, qualquer idiota consegue. Mas armazenar dentro de você e guardar até que seja necessário, esse é o segredo. Sem vazamentos, só uma torneira que abre... e fecha.

Chorar?

Encare o horror e use-o.

Sarah recuou. Tinha mantido a distância a imagem de sua mãe no carro. Até agora.

Não.

Sim, insistiu a voz.

Não, dói muito.

Essa é a ideia. Olhe de novo para o carro.

Sarah implorou. *Mutti*, não...

OLHE PARA O CARRO, DUMME SCHLAMPE.

O sangue.

Sim, sussurrou a voz.

Tanto sangue...

As lágrimas correram pelo rosto de Sarah enquanto um vazio embrulhava seu estômago. O vômito subiu até a boca, mas ela o engoliu de volta.

Agora.

Ela correu no meio dos passageiros que esperavam, gritando, deixando que a raiva e o medo a guiassem.

— *Vati*! *Vati*! Papai! Papaaai! Onde você está! *Vati*! — A fila se embaralhou, as pessoas desconfortáveis, olhando umas para as outras. Sarah acelerou e direção à rampa. — *Vati*!

— Ei, pare, *Fräulein*. Senhorita, por favor. — O sargento deu um passo atrás, pensou se devia apontar sua arma e parou, incerto. Sarah parou, escorregando, e levou as mãos ao rosto.

— Onde está *Vati*? Ele disse que estaria aqui! — lamentou e fechou os olhos bem apertados. — Ele tem de estar aqui... *Vati*! — Ela olhou para o sargento, abrindo os olhos que ardiam, e deixando o muco escorrer pelo rosto sobre a boca aberta.

— Ele está a bordo? Está?... Só... — O sargento olhou em volta, desamparado, e seus soldados olharam de volta, mudos. Ele gritou

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

para um policial que conversava animado do outro lado da rampa. — *Wachtmeister*! Uma ajudinha aqui!

— *Vati*! — uivou Sarah. — Ele está a bordo?

— Sei, como se eu estivesse às suas ordens, *Scharführer* — gritou o policial de volta.

O sargento olhou de volta para Sarah.

— Passagem? Quem está com seus documentos?

— *Vati*... — *Continue, continue chorando, continue gritando.*

— Mas...

— Por favor, podemos embarcar? — Vozes educadas começaram a se agitar.

— *VATI!*

— Passe, passe, está bem, vá procurar seu pai... — O sargento levantou os braços e gesticulou para Sarah, como quem espanta um cachorro. Ela passou por ele correndo e embarcou, olhando uma vez para trás, para ver o cavalo e a carroça subindo atrás dela, bloqueando sua visão. Ela esperou um momento e então correu para a escada que levava ao convés superior, limpando o nariz e a boca na manga do casaco.

Boa menina. Desculpe. Você não é idiota.

Ignorando a voz, ela mandou a colisão e a ausência de sua mãe de volta para a escuridão, recuperando o controle. Sarah continuou em direção à proa e se escondeu atrás de uma boia salva-vidas, fora de vista.

Ela se inclinou e olhou de novo para o porto, sentindo uma imensa sensação de triunfo. Isso era melhor que uma medalha de ginástica, melhor que voltar ao palco para o aplauso final, melhor que voltar para casa sem ser xingada. Finalmente, após todo esse tempo passando fome, sendo assediada e atacada, a judia suja Sarah era a *Königin*, a rainha, a dona de tudo. Os nacional-socialistas, suas marchas, seu vandalismo e seu ódio perverso podiam ir todos passear. Sarah tinha vontade de gritar para as gaivotas no céu e sair voando atrás delas.

A sensação de vitória, de satisfação nua e crua, não durou muito. Quando aquela pequena camada de paixão se exauriu, ela se sentiu estranhamente oca, como se alguém tivesse comido todos os bombons e depois embrulhado a caixa vazia novamente.

Olhou para os prédios, os pináculos gêmeos da igreja a Oeste. Ela estava olhando para seu país. *Seu* país. Estivera aterrorizada e fugindo

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

por tanto tempo que tinha esquecido do que exatamente estava fugindo. Seu lugar era *aqui*. Ela não era um J idiota carimbado em um passaporte. Era alemã. Eles a estavam obrigando a sair de *seu* país, como a tinham obrigado a abandonar sua casa em Elsengrund e o apartamento em Berlim e, quando ela e sua mãe fugiram para a Áustria, tinham obrigado as duas a sair dali também.

A vitória agora parecia vazia e cheia de bile, rodeada de medos e dúvidas.

Ela deu uma fungadela e cuspiu sobre a amurada. Isso lhe valeu um olhar de reprovação da parte de um dos passageiros, mas Sarah não ligou. Eles não podiam mais pegá-la.

Ou podiam? Ela olhou de volta para as docas. Os soldados estavam ocupados, desorganizados, distraídos. O sargento estava discutindo com o policial. Não havia ninguém no comando, como se não soubessem o que estavam procurando.

Eles não sabiam o que estavam procurando? Uma menina, uma fugitiva judia, uma judia loira, aliás, cuja mãe tinha entrado em pânico e fugido de uma barreira na estrada, porque tudo o que ela fazia terminava em desastre. Por que não a tinham capturado? A menos que... não estivessem mesmo procurando por ela.

Sarah observou os últimos retardatários subindo a bordo e um homem correndo pelo cais. Ele usava um casaco preto longo e tinha uma bolsa de viagem pendurada no ombro. O sargento fez sinal para desviá-lo, os braços abertos. Os fumantes terminaram seus cigarros e se aproximaram da rampa.

A barreira na estrada, que sua mãe atravessara, tinha sido *inesperada*. Todo o resto tinha corrido de acordo com o plano. Havia um plano? Chegariam a uma fronteira em um carro no qual não deveriam estar, mas e depois?

Talvez sua mãe tenha contado o plano em detalhes, mas Sarah não estava ouvindo. Ela estava com raiva dos nacional-socialistas, estava com raiva até de outros judeus, pelo que quer que eles tenham feito para atrair isso sobre todos os judeus, mas reservava seu mais profundo, mais efervescente, mais reprimido ressentimento para sua mãe, por suas bebedeiras, por suas falhas, por sua inutilidade. Fugir de barreiras e ser morta, isso era *típico*.

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Mas se a barreira não era para elas, se *não eram* o alvo, o que estes soldados estavam fazendo aqui? Talvez agora existissem barreiras de inspeção por toda parte...

Eles não estavam deixando o homem embarcar. Sarah se inclinou sobre a amurada para ver melhor. O policial estava mais interessado agora. O homem tirou seu chapéu e passou os dedos pelos cabelos loiros. Os balseiros começaram a desamarrar a balsa, enrolando impacientemente os cabos e observando a cena. O homem estava cercado de soldados por três lados. Ele deu um passo para trás e gesticulou em direção à cidade. Tentou pegar os documentos de volta, mas o sargento os puxou para fora de alcance. Sarah viu o tecido grosseiro do casaco de um dos soldados se esgarçando nos ombros quando ele passou sua arma para a mão direita.

Ela olhou para as montanhas além do lago. Para um local seguro, talvez. Sem visto, sem amigos, sem dinheiro, sem mãe – a Suíça não queria refugiados judeus, então ela ia precisar tomar cuidado do outro lado, mas não tinha alternativa...

Olhou novamente para o porto. Esse homem, ela se deu conta, era a razão das barreiras e dos soldados. *Caçado*. Ela sabia como era ser caçada.

O policial deu a volta por trás do homem e parou cerca de dez metros de distância, bloqueando sua retirada. Os balseiros começaram a gritar com os soldados. Atrasados. O sargento se virou para eles e gritou de volta, e neste momento o homem olhou para cima, na direção da balsa. Sarah viu seus olhos azul-aguados e o reconheceu. Ele tinha a aparência de um animal acuado, muito diferente da expressão que tinha usado na noite anterior. Um homem sem amigos. Sem escolha.

A sirene soou acima dela, anunciando a partida.

Sarah estava no alto da escada antes que o som fosse concluído. Ela escorregou pelos corrimões, apoiando cada uma das mãos de cada lado, e saiu da escada para o convés já correndo, as mãos queimando. A rampa já estava afastada, então ela tomou impulso e pulou. Viu de relance a água suja lá embaixo, que imediatamente sumiu.

— *Vati*! *Vati*! Paaa-paiiii! — gritou Sarah ao aterrissar, lançando-se sobre o grupo de soldados. Percebeu o leve brilho de reconhecimento naqueles olhos azuis e se jogou em seus braços. Ele tropeçou com o peso

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

inesperado, então a ergueu até seus quadris, enquanto ela passava as pernas em volta de sua cintura. — Oh, *Vati*, *Vati*! — gritou Sarah.

— Oh, Ursula. Aqui está você. Calma, calma. Está tudo bem agora — murmurou ele. Ele olhou para os soldados. — Olha, será que eu posso...

— *Vati*! Para casa, agora! — gemeu Sarah.

— Olha, posso só levar minha filha para casa agora? — disse ele, estendendo a mão em direção a seus documentos — Por favor? Foi uma manhã horrível.

Sarah olhou fixamente para os ombros do homem e se obrigou a não erguer os olhos. Sabonete caro. Nenhum perfume. A buzina da balsa soou novamente.

— Carregue sempre os documentos corretos quando for a *qualquer lugar*. Faz todo mundo perder tempo à toa. Mesmo que você esteja procurando a imprestável da sua filha. Que, por sinal, você esqueceu de mencionar.

— Obrigado, obrigado. Perdão.

O homem pegou os documentos e se virou.

— E não se esqueça da passagem, seu vagabundo — disse um dos soldados. Os outros riram.

— Claro, obrigado. Com licença. — Ele começou a andar. — E onde você estava, mocinha? Eu disse para esperar na estação de trem.

— Desculpe, *Vati*.

Ele caminhou em silêncio até se afastarem da entrada do porto, já a meio caminho morro acima.

— O que você fez foi inacreditavelmente idiota — disse afinal.

— Um simples muito obrigado está bom — murmurou Sarah.

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.